
Experiências Pós-Industriais no Telejornalismo: Tecnologia, Rotinas e Dinâmicas no Contexto Campinense¹

Mateus Bezerra ARAÚJO²

Rillary Gomes MARTINS³

Taís Resende ARAÚJO⁴

Verônica Almeida de Oliveira LIMA⁵

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo entender as mudanças nas rotinas produtivas do trabalhador contemporâneo, especificamente, do profissional de telejornalismo, diante do avanço tecnológico. Para isto, buscamos compreender como as ferramentas de comunicação afetaram tanto o processo produtivo, como o trabalhador da comunicação. Nossa pesquisa, que toma como metodologia a História Oral, dá ênfase a experiências vivenciadas por dez entrevistados, buscando identificar as principais transformações pelas quais passaram, particularmente a partir da introdução do computador e da internet em suas rotinas de trabalho. Como resultado, compreendemos que as tecnologias contribuíram para tais mudanças, uma vez que elas se tornaram ferramentas dos processos de produção, exigindo novas habilidades e criando demandas.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Jornalismo; Pós-Fordismo; Trabalho.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de resultados da pesquisa desenvolvida com apoio da UEPB/CNPq⁶, através do programa de Iniciação Científica, e busca compreender a construção do novo perfil profissional do jornalista, especificamente o da televisão, a partir da reestruturação de sua atividade. Foi feito um levantamento da historicidade e aprofundamento dessa reestruturação, considerando as mudanças ocorridas na organização do trabalho, ocasionadas e determinadas pelo sistema capitalista.

O que marca ou caracteriza as mudanças no perfil profissional são as inovações tecnológicas, e principalmente a adoção dessas novas tecnologias na orientação,

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, e-mail: araujomateus091@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, e-mail: martinsgrillary@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, e-mail: taisresende85@gmail.com

⁵ Professora Orientadora. Doutora em Ciências da Educação. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: veronicajornalista@yahoo.com.br

⁶ Universidade Estadual da Paraíba/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

organização, execução e disseminação do trabalho. O Brasil experimenta mais fortemente as transformações da reestruturação produtiva nos anos de 1990. Tais mudanças advêm da superação do modelo fordista de produção.

A metodologia adotada para esta proposta se dividiu em três momentos. O primeiro se constituiu na identificação de emissoras de televisão de Campina Grande que viveram a transição da tecnologia analógica para a digital, especificamente a partir da chegada dos computadores e da internet nas redações jornalísticas. Em seguida localizamos jornalistas que viveram a experiência da nova estrutura de trabalho a partir da chegada do computador. Contemplamos a transição ocorrida em todas as empresas selecionadas na etapa anterior, buscando profissionais que viveram tal mudança, à época, em cada empresa. Por fim, a partir do método de história oral buscamos compreender a forma de viver o cotidiano profissional dos jornalistas profissionais.

Para Alberti (2005), a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

As entrevistas de história de oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registros. Caracterizam por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, dando espaço aos sujeitos, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar.

Para este trabalho selecionamos 10 entrevistados, entre jornalistas e editores de vídeo, levando em consideração as informações levantadas nas empresas que passaram pelo processo de transição tecnológica (TV Paraíba e TV Borborema), são eles, por ordem de entrevista, respectivamente: Rômulo Azevedo, Anchieta Araújo, Carlos Siqueira, Paulo Arquilino de Oliveira, Helem Jennifer, Magdônia Alves, Bastos Farias, Clarisse Albuquerque, Jurani Clementino e Gilson Souto Maior.

Cada entrevista foi realizada de forma individual e conduzida de forma que fosse permitida a compreensão do passado, ainda recente, das mudanças ocasionadas pela

chegada do computador nas redações. Neste sentido, buscamos valorizar as memórias e recordações dos entrevistados, fazendo a recolha de informação a partir de histórias pessoais através da gravação em vídeo.

1. Rotinas produtivas na TV pré-computador

Não há muita documentação sobre a chegada da TV no Brasil, mas oficialmente, a data que marca a inauguração da primeira emissora de televisão no país é 18 de setembro de 1950. Trata-se da PRF - 3 TV Difusora, mais tarde chamada TV Tupi de São Paulo, a pioneira da América Latina, instalada pelo o empresário e político paraibano, Francisco de Assis Chateaubriand, dono dos Diários e Emissoras Associados. O empresário, se dispôs a trazer técnicos da RCA - America Radio Corporation - e implantar a televisão no Brasil, no panorama da fase final da chamada “época de ouro do rádio brasileiro”⁷.

A chegada da TV na Paraíba, começa pela cidade de Campina Grande, Assis Chateaubriand escolheu esse município após inaugurar oito estações de televisão em outras localidades do país⁸. A partir daí, técnicos foram enviados para observar e escolher o melhor lugar para a instalação dos equipamentos. Em 1961 aconteceu a inauguração da antena de televisão da chamada TV Borborema. Os equipamentos foram doados pela TV Tupi de São Paulo. O Edifício Rique, localizado na Rua Venâncio Neiva, 287 - Centro, foi o local escolhido para instalar todos os equipamentos, redação etc. Em sua pesquisa sobre a história da televisão na Paraíba, Maior (2017, p.47), explica como ocorreu a primeira transmissão da emissora:

Finalmente a TV Borborema entra no ar, experimentalmente, em 15 de Setembro de 1963, se utilizando do Canal 3 e depois Canal 4, com a produção dos primeiros programas, elaborados por gente de rádio, com apoio de produtores das Tevês Tupi de São Paulo e Rio, também oriundos da radiofonia (muito lógico, pois não havia televisão), mas, já com certo conhecimento da nova mídia, desde 1950.

A TV Borborema também foi a primeira do interior do Nordeste. No início retransmitia o sinal da TV Tupi, quando a Tupi saiu do ar, passou a retransmitir o sinal da Rede Globo. A TV Paraíba foi a segunda emissora à chegar na cidade, no dia 19 de

⁷ Momento em que o Rádio se popularizou e tornou-se um meio de entretenimento.

⁸ Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, São Luiz, Belém e Goiânia.

março de 1984 aconteceu “a lavratura do contrato de constituição de uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, denominada Televisão Paraíba LTDA, com sede, provisoriamente, na Rua Simeão Leal, 52, 1º andar, Centro da cidade” (MAIOR, 2017, p. 139). O fundador da TV Paraíba é José Carlos da Silva Júnior, presidente da Rede Paraíba de Comunicação e do Grupo São Braz. O edifício-sede da TV Paraíba localiza-se no bairro da Palmeira, Rua 15 de Novembro, nº 200. A primeira programação foi ao ar no dia primeiro de Janeiro de 1987.

As rotinas produtivas nas redações de telejornalismo no final do século XX, são marcadas por fatores sócio-organizacionais, que têm nas tecnologias analógicas a sua base. Neste sentido, tais processos são, ao mesmo tempo, dependentes da capacidade cognitiva do jornalista, da sua cultura profissional, da própria organização do trabalho e dos processos produtivos. Desta forma, a introdução de tecnologias em tal lógica tende a reconfigurar práticas, formas de organização, exercício do trabalho e o próprio perfil do jornalista e do jornalismo.

O trabalho jornalístico é marcado por diversas mudanças, desde a organização e divisão das tarefas, até seus meios de realização. A busca pela melhor produtividade, auxiliou a introdução inovações tecnológicas. Antes, o telefone era o principal recurso para apuração e aceleração do processo de produção das notícias, com a chegada do computador, o telefone ficou em segundo plano. O diretor de jornalismo e apresentador da TV Itararé, Anchieta Araújo, falou sobre isso, em entrevista cedida a nossa equipe no dia no dia 27 de outubro de 2017:

Quando eu comecei, tanto na TV, como no rádio não existia nada de internet, nem telefone celular, quer dizer, nada disso, então tudo era feito com telefone fixo, desde o contato com a fonte, levantamento de pauta, toda essa história, realmente tudo feito com telefone fixo. Carros de externa, reportagem, tinha um rádio de comunicação direto do carro com a redação. O rádio na redação e o rádio no carro para ter comunicação, não tinha outra forma. Então era muito diferente, agora depois do advento da internet tudo foi na verdade facilitado (ARAÚJO, 2017).

Antes da utilização do telefone, que tornou-se imprescindível nas redações de televisão, o telégrafo era o principal meio de aproximação com os fatos que ocorriam, era um recurso de transmissão à distância, que facilitava a cobertura de eventos que poderiam ocorrer. O telégrafo surgiu na primeira metade do século XIX e as

transmissões experimentais do telefone, no final do mesmo século. A chamada “revolução nas comunicações”, criou novos hábitos nas práticas profissionais, nas relações comerciais e no cotidiano social.

No decorrer das décadas estabeleceram-se diversos padrões e institucionalização de algumas práticas na atividade jornalística, seja no desenvolvimento de técnicas, seja na aplicação de inovações, como o telégrafo e o telefone, como já citados, e ainda o linotipo e a máquina de escrever, símbolo da geração analógica de se fazer jornalismo.

O avançar das tecnologias de transmissão de informações, proporcionou aos repórteres e editores, novas possibilidades no telejornalismo, capacidades e desafios para a atualização dos jornais. Helen Jennifer, editora de vídeo da TV Paraíba, rememora seu trabalho na fase da edição linear:

Naquela época quando a gente chegou, o sistema que nós usávamos era o U-Matic, era um sistema muito bom para a época, mas, com uns três anos, começou a dar muito problema, porque as imagens tinham uns riscadinhos, era toda ruidosa, por conta do desgaste natural das fitas, porque a gente usava fita cassete naquele tempo, só que mesmo assim, ainda passou muito tempo com esse sistema. A gente começou em 87 e só foi mudar para o betacam, que era outro sistema de vídeo cassete, em 98. Passamos 11 anos usando o U-Matic. E em 98 eles mudaram para o betacam, que era uma fitinha menor, uma fita mais compacta, então como a fita era mais fininha, não dava tanto problema. Foi de 98 a 2013 com o Betacam, foram 15 anos com edição linear. A edição linear, quem trabalhou, sabe que em termos de edição era complicado, porque você chegar com uma matéria de 11:00, com uma fita de 20 minutos, não é como hoje que você bota no computador e vê os quadrinhos com todas as imagens e já sabe mais ou menos o que quer (JENNIFER, 2017).

Com relação às montagens de imagens, os processos de desenvolvimento de gravar som e vídeo, teve início em 1950. Inicialmente progressos de equipamentos que eram editados manualmente, que revolucionavam a época, preconizando o acabamento dos trabalhos produzidos. Com o passar das décadas, novos sistemas foram sendo desenvolvidos, com mais qualidade, compactos, melhor resolução, até chegar nos sistemas digitais, por volta de 1993.

2. Da produção analógica para a digital: como a chegada do computador reestrutura o processo produtivo do telejornalismo

No ano de 1957 chega ao Brasil o primeiro computador, o Univac-120, comprado pelo Governo do Estado de São Paulo. Em 1972 é construído, no Laboratório de Sistemas Digitais da USP, o primeiro computador no Brasil, o “Patinho Feio.” Anos depois, já na década de 1980, o mercado brasileiro recebe o primeiro computador totalmente pensado e produzido no Brasil, o Cobra 530. A partir daí a revolução da informática começa a ganhar cada vez mais força dentro do mercado e da sociedade. O computador que antes só quem possuía era grandes empresas, universidades, centros de pesquisa, passa a ser uma realidade cada vez mais próxima do cotidiano dos brasileiros.

No estado da Paraíba, o computador chega em 1967, sendo o primeiro da região Nordeste. O IBM 1130 foi adquirido pela Escola Politécnica da Paraíba, localizada na cidade de Campina Grande. Já a internet só chega ao Brasil no final da década de 80, no Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), localizado no Rio de Janeiro. Na Paraíba a primeira conexão acontece no ano de 1989, no Departamento de Física da UFPB, Universidade Federal da Paraíba, atual UFCG, Universidade Federal de Campina Grande.

Quando o computador chega às primeiras redações jornalísticas do Brasil, na década de 1980, inicia-se uma grande mudança no processo produtivo da notícia, matéria-prima do jornalismo. Gradativamente as redações iniciam a transição do sistema analógico para o sistema digital, onde o todo processo de produção é afetado. São instalados novos modos de produzir conteúdo e novas rotinas de trabalho.

Há um processo de digitalização das redações, com o avanço cada vez maior da tecnologia, os antigos sistemas e ferramentas de produção dão espaço a equipamentos cada vez mais modernos e sofisticados. Ainda que inicialmente os computadores servissem apenas para substituir a máquina de escrever, pois ainda não tinham conexão com internet, eles tornaram-se fundamentais. Silva (2013, p.10) ressalta:

No entanto, passando esse momento inicial em que os computadores apenas substituíram as máquinas de escrever, a informatização nas redações evoluiu juntamente com o desenvolvimento da informática, aos poucos o novo foi se incorporando de tal maneira ao cotidiano da profissão que o equipamento passou a exercer novas funções, contribuindo no trabalho de editor e sendo utilizado como arquivo pessoal, isso causou mudanças profundas no cotidiano dos jornalistas. A introdução dos computadores passou a ser caracterizada como um divisor de águas na prática jornalística.

Os sistemas e equipamentos utilizados antes da implantação dos computadores e do início do processo de digitalização, eram extremamente limitados no quesito de agilidade na produção e posterior edição das matérias, as ferramentas disponíveis na época eram a máquina de escrever, o telefone fixo, e câmeras pesadas e robustas que dificultavam a locomoção do repórter, hoje esses equipamentos dão espaço aos computadores, celulares e câmeras de última geração. Já a internet foi implantada nas redações nos anos 2000. Foi o ápice de mudanças e transformações nas práticas produtivas da televisão. Uma reconfiguração das linguagens e do cenário do jornalismo televisivo. Anchieta Araújo fala sobre as mudanças trazidas pelas novas ferramentas:

A internet quando chegou ela tinha muita limitação, onde você não conseguia ficar com a internet sem cair durante uma hora, lenta, aquela história toda. Depois vai se aperfeiçoando, depois vem chegando as outras ferramentas. Na televisão, por exemplo, quando eu comecei a fazer reportagem há 30 anos ia pra rua o repórter e o cinegrafista com uma câmera enorme, e colado nele tinha um operador de áudio com um equipamento enorme, pesado, controlando o áudio, era um engatado no outro através de um cabo. Isso mudou. Hoje em dia você vai só o cinegrafista com uma câmera pequena, maneira, o que dá outra mobilidade (ARAÚJO, 2017).

Os novos softwares de edição possibilitam um maior tratamento da imagem e ela chega ao público com uma qualidade extremamente superior a que chegava décadas atrás. Diferente da edição linear analógica, na edição não linear digital as possibilidades de manipulação da imagem e construção das narrativas a partir das estratégias de edição, são inúmeras. Mas as mudanças não se restringem aos aspectos tecnológicos, apenas à maneira como as imagens são veiculadas, o processo de digitalização engloba diversos outros fatores no seu processo – processo esse que perdura até hoje. De acordo com Ferraz (2009, p. 15 apud SANTOS e LUZ, 2013, p. 1), “a televisão digital não é apenas uma evolução tecnológica da televisão analógica, mas uma nova plataforma de comunicação, cujos impactos na sociedade ainda estão se delineando”.

No quesito organizacional e estrutural as redações ao longo dos anos também começam a sofrer transformações nesse sentido, o espaço deixa de ser dividido de acordo com a tarefa realizada por cada profissional, pela editoria da qual ele faz parte, e começam a se integrar mais entre si e perpassar pelas mais diversas funções. Anchieta Araújo, já citado anteriormente, na mesma entrevista revela:

Hoje em dia a redação fica todo mundo ali, juntinho, dividido por uma mobília. Antes você tinha um birô para cada um, com um computador grande daqueles antigos, cada um tinha que ter um telefone fixo de lado, hoje em dia não existe mais isso. É um celular para a redação, um computador pequeno, e ali naquele computador você tem tudo, tem WhatsApp, Facebook, Twitter, E-mail, e ali você tá com o mundo em suas mãos, em relação a isso é uma diferença muito grande, era uma limitação enorme se comparado com hoje. A gente que viveu nas duas épocas acho que não conseguiria mais fazer jornalismo hoje com aquela estrutura que tinha quando eu comecei (ARAÚJO, 2017).

E na medida em que o modo de produção é modificado, surgem novas formas de consumo e distribuição. Uma das mudanças que enxergamos nos dias de hoje é que as redações de televisão agora englobam uma equipe que trabalha exclusivamente a parte de internet e redes sociais, que administra os portais e faz contato direto com o público, que com as facilidades da rede passam a interagir diretamente com os jornalistas que trabalham na TV, muitas vezes até pautando o que vai ser noticiado. Os meios tradicionais, em especial a televisão, depois de passar por todos os processos de transformações tecnológicas, hoje têm que dialogar com as novas mídias e evoluir com elas. Em entrevista cedida a Revista do Instituto Humanitas Unisinos, o pesquisador Ramón Salaverría fala sobre o tema:

Penso que muitos meios que vêm de uma trajetória ou tradição analógica, e que estão acostumados com um tipo de edição e de relacionamento com a audiência muito determinadas, têm muito a aprender com os meios nativos digitais – os quais são muito mais ágeis e adaptativos à mudança das formas de acesso e de consumo informativo dos usuários na internet. As redes sociais e os meios nativos digitais nos mostram que há formas de apresentar e distribuir a informação que permite multiplicar a influência, o acesso e a importância dessas notícias. Parece-me que o grande desafio, para os meios tradicionais, é tratar de manter seu prestígio informativo e suas características de fonte principal de informação e, ao mesmo tempo, adaptar-se a modelos muito mais apropriados as formas de consumir a informação por parte dos usuários da internet (COSTA, 2014, p.12).

Dentro desse cenário o jornalismo apresenta-se como uma profissão que está em constante mudança e adaptação. Os novos equipamentos e ferramentas trazem alterações significativas e positivas, no caso da internet alguns pontos precisam ser tratados com maior cautela, como a checagem da veracidade dos fatos, já que na rede há uma quantidade enorme de informações que podem ser postadas por qualquer pessoa.

Todo esse processo exige do jornalista uma versatilidade cada vez maior para lidar com esses avanços e saber administrar esses novos modelos.

3. O perfil do profissional de TV após a digitalização das redações

Foi a partir dos anos de 1990, quando a Internet já fazia parte das mudanças trazidas pelo capitalismo na reestruturação produtiva no mundo do trabalho, que diversas mudanças impactaram as relações trabalhistas do jornalista, influenciando, inclusive, na diminuição dos contratos com registro em carteira, e com isso permitindo o fortalecimento da terceirização dos contratos de trabalho por tempo determinado. A editora de imagem da TV Paraíba, Helen Jennifer, falou das dificuldades em fazer jornalismo antes da grande explosão tecnológica que nos deparamos nos dias atuais:

Depois da internet, facilitou muito a troca de informações. Lá no Sertão está acontecendo um negócio agora, e a gente já sabe, antes o cara tinha que ir lá, ligar para TV. A gente sempre teve equipe no Sertão, eles mandavam pelo malote, eles gravavam, despachavam um malote e a fita vinha no ônibus. Por exemplo, aconteceu um acidente em Patos, o repórter corria lá, gravava e mandava só quando tinha o horário. Se só tivesse ônibus de tarde, aí a fita só podia viajar de tarde e chegava de noite, as coisas só entravam no outro dia. Hoje não, depois da internet, manda uma foto, manda um áudio tape, um selfie tape e na mesma hora dá a notícia (JENNIFER, 2017).

A transição tecnológica na TV teve grande velocidade, fazendo com que as fronteiras entre os setores de jornalismo e operações técnicas se dissolvessem. Desse modo, os profissionais aptos a lidar com câmeras e computadores passaram a ser mais solicitados pelas emissoras nesse novo processo televisivo.

De acordo com Fonseca (2008), para o jornalismo, essas mudanças significaram acúmulo de tarefas, extinção de cargos e funções, estabelecimento de metas de produtividade e alto investimento em tecnologia e softwares, que representavam automatização de tarefas, tornando-as mais ágeis e rápidas, de forma a permitir que, no mesmo período de trabalho, um mesmo profissional assumia outras atribuições.

Nos dias de hoje, o profissional que tem habilidades em multiplataformas é o mais procurado pelas empresas, que exigem uma linguagem que se adapte às mais variadas plataformas visando atingir as metas consumistas, e com foco também na atuação em redes sociais e nos demais artefatos de navegação na Internet. A fala de Delze (2004) sintetiza essa fase de transição do jornalismo ao dizer que a convergência

molda não apenas as práticas jornalísticas contemporâneas, mas a própria auto imagem dos jornalistas, que precisam construir uma nova identidade profissional, multimídia. Isso fica evidenciado no relato do diretor de jornalismo e apresentador da TV Itararé, Anchieta Araújo:

É aquele profissional, primeiro, bem informado, que saiba lidar bem com essas novas ferramentas. É fundamental estar antenado com a evolução das coisas, e que seja aquele profissional que não limite o seu campo de atuação. Quando eu comecei era assim, repórter era repórter, editor era editor. Hoje o mercado não tem mais espaço para esse tipo de profissional. Você precisa estar pronto para abraçar todas as funções desse contexto do jornalismo (ARAÚJO, 2017).

Nesse atual cenário jornalístico, o profissional multifuncional é procurado como forma de economizar tempo e dinheiro. As empresas não investem mais no treinamento desses trabalhadores, elas já esperam contratar profissionais totalmente prontos para o mercado de trabalho. Magdonia Alves, chefe de reportagem da TV Borborema, comenta sobre esse tema:

O mercado quer aquele profissional que tem iniciativa! Aquele profissional que tem atitude, e não só no ambiente de trabalho, mas no próprio crescimento pessoal. De buscar mais conhecimento, de procurar saber mais, de se especializar. Esse profissional é perfeito (ALVES, 2018).

O jornalista Gilson Souto Maior, durante entrevista cedida no dia 15 de março de 2018, mostra uma posição mais crítica sobre a polivalência do jornalista:

[...]eu sou o tipo de jornalista que na elaboração dos meus livros eu faço diagramação muito bem, eu faço diagramação desde a época que cortava na tesoura, colava com as colas, e as colunas eram feitas de forma muito precárias. O início dos jornais, no início da linotipo, e mesmo depois no offset, o que a gente nota é o seguinte, eu prefiro não invadir as áreas dos outros, eu como jornalista eu prefiro no jornal escrever, mas dando condição para que meu companheiro que faz diagramação diagrama, eu não quero tomar o lugar dele. Na verdade, hoje em dia as empresas estão exigindo que os jornalistas façam tudo, isso é sacanagem, isso é querer se aproveitar do jornalista, tirando o direito do trabalho dos outros (MAIOR, 2018).

Devido a grande velocidade necessária para se produzir conteúdo na TV nos dias atuais, os profissionais acabam trabalhando, de certa forma, cercados de mais tensão em um jogo contra o relógio. Os desafios atuais da profissão são expressos na fala do editor chefe e apresentador do JPB 2º edição, transmitido pela TV Paraíba, Carlos Siqueira, na entrevista coletada no dia 24 de novembro de 2017:

Hoje nossa profissão tem uma responsabilidade muito maior, apurar com rapidez, colocar no ar com uma velocidade incrível e com um zelo de qualidade e informação. O apresentador de televisão precisa participar do projeto desde a origem da pauta, não adianta o apresentador chegar para ler um jornal que ele não sabe o que tá apresentando. [...] As tecnologias permitem essa facilidade ao profissional, que tem que ser ágil, antenado, descolado, estar bem informado. Ele tem que ter todas essas características para ele viabilizar os conteúdos, a pressa não pode fazer com que se perca o padrão (SIQUEIRA, 2017).

É necessário atender as demandas desse ofício da melhor forma e ao mesmo tempo informar impecavelmente, tudo isso em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, onde os profissionais passam por um processo de adaptação às grandes demandas tecnológicas. Devido a esses fatores, o trabalho em equipe ganha destaque, deixando de lado o protagonismo individual desses profissionais. A fala a seguir é da jornalista Clarisse Albuquerque, em entrevista realizada no dia 06 de março de 2018:

E por que é fantástico esse avanço? Porque antes era como se os jornalistas fossem deuses, afastados do público, da comunidade. Hoje não! O próprio telespectador pode fazer parte, ele faz parte da produção, a até da edição do que vai ao ar (ALBUQUERQUE, 2018).

Cotta (2005) fala que a mídia tem enorme influência dentro da sociedade, de qualquer sociedade. Principalmente, no mundo contemporâneo, pela velocidade que a informação ganha, em função dos seguidos avanços tecnológicos. Mas somente completa o seu ciclo comunicacional quando retorna ao ponto de origem: é sempre o indivíduo quem determina o sentido final à informação que virou notícia. Ou seja, dará a ela uma atenção inicial, para dimensionar depois o interesse da informação/notícia ou tratá-la como mera curiosidade. No dia 09 de março de 2018, durante entrevista, o jornalista e escritor Jurani Clementino também falou à nossa equipe sobre a aproximação da TV com o público nos dias atuais “Se antes a televisão tinha esse status de ser uma instituição extremamente poderosa e distante do povo, agora ela está numa onda mais próxima do povo. Ela teve que se adequar a isso para não perder seu espaço” (CLEMENTINO, 2018).

Os microcomputadores entraram em cena substituindo a máquina de escrever. Em meio a isso, houveram cortes de custos com pessoal e equipamentos, gerando ganho financeiro aos patrões. Muitos trabalhadores acabaram perdendo o emprego por resistir às mudanças impostas. O papel de mediador do jornalista fica ameaçado por causa da

sobrecarga de atividades que acabam comprometendo a qualidade da informação que chega aos telespectadores. Anchieta Araújo é um dos profissionais que sente certa dificuldade em acompanhar a velocidade das tecnologias:

Eu tenho dificuldades, porque, realmente, no meu caso que tenho 30 anos de estrada, a gente tem mais dificuldade, a gente é mais lento para acompanhar esse processo evolutivo. [...] Muitos jornalistas perderam o espaço porque são competentes naquele perfil, mas que pararam no tempo, por conta disso, hoje estão desempregados (ARAÚJO, 2017).

Figaro (2013) fala da forte resistência de jornalistas mais experientes em se enquadrar na nova lógica produtiva no caso da redação totalmente integrada, onde foram relatadas numerosas demissões e perda de qualidade, especialmente na área de imagem, com o crescente uso de fotografias e vídeos gerados por repórteres de texto sem formação específica. As críticas foram rebatidas pelos gestores, com a justificativa de que era necessário mais tempo para que os profissionais da redação se tornassem efetivamente ‘multimídia’.

O intenso ritmo de trabalho em meio a inúmeros desafios com as novas tecnologias dificulta a atuação dos profissionais que vem da época analógica. Um desses profissionais é o gerente de jornalismo da TV Borborema, Bastos Farias, que nos concedeu entrevista no dia 28 de fevereiro de 2018:

A cada ano as exigências aumentam. Um fator de suma importância é exatamente o jornalista conhecer o jornalismo digital, saber lidar com a internet, com as redes sociais. [...] Eu tenho colegas que por não se adaptarem ou não quererem se adaptarem, que hoje estão praticamente fora do mercado de trabalho (FARIAS, 2018).

Para a sobrevivência do jornalista no mercado de trabalho atual é necessária a polivalência, não restando muitas opções de escolhas. Existe um fator de grande influência que causa impedimentos no exercício crítico e responsável da profissão: o tempo. Rômulo Azevedo, jornalista com 25 anos de atuação, com experiências nas áreas do rádio, TV e cinema, em entrevista cedida a nossa equipe no dia 05 de outubro de 2017, falou com propriedade sobre o que espera do futuro do jornalismo:

[...] As grandes corporações, os conglomerados, empresas que tem jornal, tem rádio, tem televisão, tem revista, isso vai sumir. Eu acho que vai haver uma pulverização do mercado de notícias. No futuro, esse modelo que conhecemos será completamente alterado (AZEVEDO, 2017).

Magdônia Alves, revela suas apostas em relação ao crescimento da interação da população com o telejornalismo:

A população vai ditar as regras mais ainda. A população é que vai dizer que tipo de jornalismo que ela quer, ela já faz isso hoje. Amanhã a população vai determinar as editorias, acho que vai ser um grande diferencial (ALVES, 2018).

O computador, ao ser inserido nas redações, foi recebido pelos jornalistas com um certo receio, que posteriormente deu espaço ao encantamento devido às suas inúmeras vantagens que, inegavelmente, trouxeram melhorias para o ambiente de trabalho. O grande volume de informações recebidas, muitas vezes sem ser necessário o deslocamento físico do jornalista, são exemplos desses privilégios ofertados por essa nova gama de ferramentas tecnológicas. Espera-se que devido a velocidade desse cenário evolutivo tecnológico, mais transformações aconteçam mudando a rotina e perfil dos profissionais jornalistas.

Considerações finais

As discussões aqui levantadas nos permitem perceber como o aparato tecnológico inserido ao conjunto de técnicas empregados para capturar e tratar a informação, promovem mudanças nas práticas profissionais dos jornalistas. Neste sentido, as relações de trabalho e a experiência profissional, vivem uma espécie de simbiose com as inovações tecnológicas, uma vez que esta última está atrelada ao processo de produção, a partir do momento em que tais tecnologias servem de ferramental para efetiva realização do produto jornalístico

A partir das falas dos nossos entrevistados, conseguimos vislumbrar a emergência de um novo perfil profissional que se integra à cultura organizacional das redações, por meio de tecnologias que exigem do jornalista um esforço para pensar a complexidade do processo produtivo, onde elementos técnicos podem atuar para interferir nesta dinâmica, auxiliando na concretização do produto, criando novos perfis profissionais que emergem a partir de novas dinâmicas, espaço e tempo.

A partir de tais constatações, reconhecemos que o jornalista da atualidade, precisa se manter em uma permanente reciclagem. Reforça-se aqui, a figura de um

profissional multifacetado, capaz de executar com aptidão as mais diversas funções, desde a elaboração de pautas, até a edição e finalização de vídeos, passando a exercer um sistema de rotatividade de tarefas. Os profissionais que se adaptam a essa realidade parecem ter mais chances no mercado de trabalho.

Dessa maneira, os estudos voltados para a reestruturação produtiva no jornalismo e as implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional apontam caminhos favoráveis para a área jornalística que segue sob a regência da revolução tecnológica, que concomitantemente encurta e multiplica o tempo, reduzindo distâncias e fornecendo em grande número novas ferramentas para impulsionar cada vez mais essas mudanças históricas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBUQUERQUE, Clarisse. **Clarisse Albuquerque**: Depoimento. [mar. 2018]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2018. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

ALVES, Magdônia. **Magdônia Alves**: Depoimento. [fev. 2018]. Entrevistador: Mateus Bezerra Araújo. Campina Grande: UEPB, 2018. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

ARAÚJO, Anchieta. **Anchieta Araújo**: Depoimento. [out. 2017]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2017. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

AZEVEDO, Rômulo. **Rômulo Azevedo**: Depoimento. [out. 2017]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2017. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

CLEMENTINO, Jurani. **Jurani Clementino**: Depoimento. [mar. 2018]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2018. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

COSTA, Andriolli. Jornalismo, compartilhamento e credibilidade no contexto pós-industrial. In **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, RS. Nº 447, ano XIV, 30/06/2014. ISSN 1981-8793.

COTTA, Pery. **Jornalismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.

DEUZE, Mark. What is multimedia journalism?, In **Journalism Studies**, 5:2, 139-152, 2004.

Disponível em:

<<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670042000211131?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em 16 mai. 2018.

FARIAS, Bastos. **Bastos Farias: Depoimento**. [fev. 2018]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2018.

Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

FIGARO, Roseli (Org.); NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael . **As mudanças no trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta, 2013.

FONSECA, Virgínia. Questões sobre a identidade do jornalista contemporâneo. Estudos de Jornalismo e Mídia, Brasil, v.5, n.2, 2008. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/10662>>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

JENNIFER, Helen. **Helen Jennifer: Depoimento**. [dez. 2017]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2017.

Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

MAIOR, Gilson Souto. **Gilson Souto Maior: Depoimento**. [mar. 2018]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2018. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.

MAIOR, Gilson Souto. **História na Televisão da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2017.

SANTOS, Pablo Victor Fontes; LUZ, Cristina Rego Monteiro. História da Televisão: Do Analógico ao Digital. In: **Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação - Inovcom**. v. 4, n. 1, 2013. Disponível em:

<<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/inovcom/article/view/1599>>. Acesso em 16 mai. 2018.

SILVA, Rafael Pereira da. **A influência tecnológica sobre a prática jornalística**. 2013.

Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-influencia-tecnologica-sobre-a-pratica-jornalistica>>. Acesso em 05 mai. 2018.

SIQUEIRA, Carlos. **Carlos Siqueira: Depoimento**. [nov. 2017]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo, Rillary Gomes Martins e Taís Resende Araújo. Campina Grande: UEPB, 2017.

Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Reestruturação produtiva no jornalismo: implicações do pós-fordismo na atividade e perfil profissional.